



# NRRIA

NÚCLEO REGIONAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Associação de Estudos do Alto Tejo

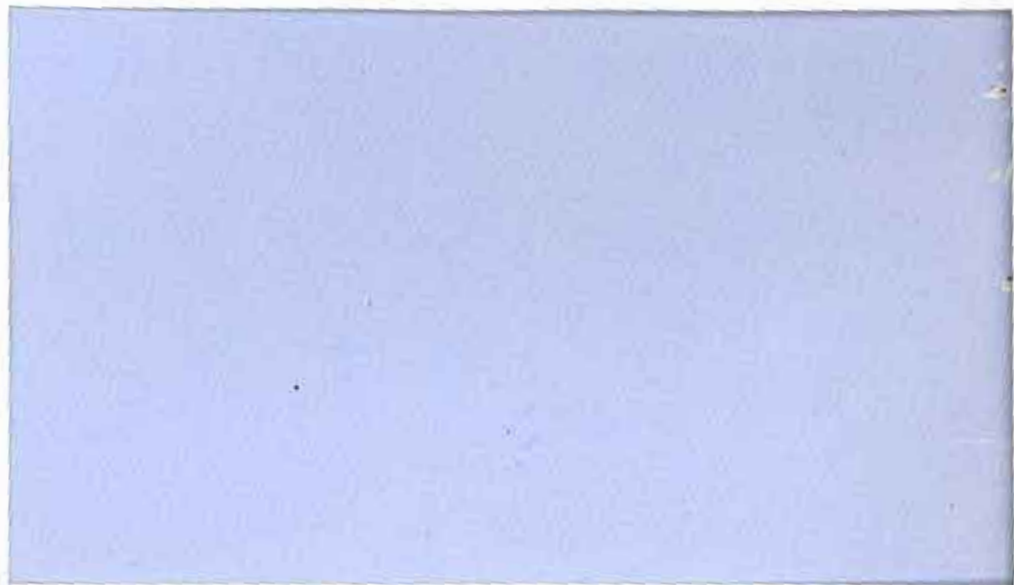
ALTO TEJO PORTUGUES

Perspectiva Etnológica das comunidades de  
Vilas Ruivas e dos Montes do Duque e Arneiro

PRIMEIRO RELATÓRIO INTERCALAR / 90.03.12

César Coito

COTA	39/col
NECEO	
REGISTO	74
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE NISA	



ALTO TEJO PORTUGUES

Perspectiva Etnológica das comunidades  
ribeirinhas de  
Vilas Ruivas  
Montes do Duque  
Arneiro

Primeiro relatório intercalar

a

12 de Março de 1990

CÉSAR COITO

## 1. Introdução

O equilibrado interrelacionamento homem-natureza propicia a criação dessa outra dimensão cultural, o ambiente, encarado como resultado da actividade integrada de todos os elementos essenciais, como necessários e vitais para a sobrevivência das diferentes espécies e meio.

O estudo das comunidades tradicionais - a Etnologia -, fornece dados de cultura, para o estudo da sobrevivência do homem, onde o respeito e a procura de equilíbrios com os elementos naturais não poderia deixar de constituir uma necessidade.

## 2. O Projecto Vilas Ruivas

O projecto de trabalho de que em Março de 1990 se apresenta o primeiro relatório intercalar foi formulado em Novembro de 1988, apontando para o estudo etnográfico de uma comunidade em concreto: Vilas Ruivas.

Aquela opção assentava em considerações de ordem teórica, na perspectivização de anquadramento da acção em realizações mais vastas e interdisciplinares e, no facto de se dispor de uma equipa de projecto integrada por pessoas empenhadas na especificidade temática e apoiada por duas associações ambientalistas e de estudos com interesse na região: o GEOTA e o NRIA.

O enquadramento teórico inicial partia da noção de comunidade humana tradicional tal como a definia Jorge Dias, com as características de homogeneidade e identidade cultural decorrentes de uma demarcação territorial específica e constante, de uma situação de autosuficiência económica e social que geraria valores, atitudes, comportamentos, hábitos, tradições, próprias.

A comunidade de Vilas Ruivas situada na freguesia e concelho de Vila Velha do Rodão, no distrito de Castelo Branco, Baira Baixa, distando da sede do concelho cerca de sete turtuosos quilómetros entre a Serra do Perdigão, implantada num planalto entre a vertente desta serra e a ribeira de São Pedro, donde parte o planalto do Fratel e, o rio Tejo.

Assim consideradas estas limitações geográficas evidenciam o isolamento da comunidade, formando barreiras naturais ao relacionamento inter-comunitário, daí que seria legítimo subsumir estarmos perante um comunidade tipo da região ribeirinha do Alto Tejo, mantendo características tradicionais.

Ter-se-ia desenvolvido uma vivência comunitária com características próprias no que concerna à demarcação do seu espaço vital, às actividades económicas, culturais e sociais que a enformam e, à particular relação com o rio, onde chegam as terras de cultura de Vilas Ruivas.



## 2.º O Projecto Vilas Ruivas (continuação 2)

O facto de a aldeia de Vilas Ruivas se encontrar localizada num espaço natural de interesse nacional e com características que permitem aconselhar a sua preservação - Serra do Perdigão, Portas do Rodão, planalto do Fratel, rio Tejo -, motivou, em suma, a opção pelo estudo da comunidade, atentas as particulares relações que a população terá desenvolvido com o meio envolvente.

Propunha-se então o estudo etnográfico da comunidade de Vilas Ruivas com os seguintes objectivos:

- Investigar a vida comunitária tradicional e actual de modo global e integrado;
- Estudar o espaço comunitário e suas relações com as povoações vizinhas e com o rio;
- Estudo da Etnomedicina comunitária;
- Fixação do respectivo calendário agrícola e festividades;
- A questão do pastoreio em Vilas Ruivas.

### 3. A inclusão dos Montes do Duque e do Arneiro

As considerações que em parte determinaram a opção pelo estudo da comunidade de Vilas Ruivas, designadamente a hipótese de encontrar uma comunidade suficientemente caracterizada para nela se construir ou constatar um modelo operativo e teórico, onde a interrelação do nível das diversas comunidades não se afirmasse como preponderante, ruiu na primeira abordagem.

Então, exceptuando a construção teórica da noção de comunidade, os motivos que determinaram a elaboração do projecto de estudo etnológico de Vilas Ruivas, determinaram igualmente o alargamento do trabalho a outras comunidades.

Reformulada a hipótese de trabalho por forma a através do estudo e investigação de campo e de aspectos parcelares do momento actual e da evolução vital de duas comunidades ribeirinhas localizadas no rio Tejo, ou de alguma forma em conexão com o rio, evidenciar a existência de uma cultura tejana naquele espaço.

Conviria então seleccionar dois aglomerados populacionais que, para o desenvolvimento do estudo, além de situarem junto às margens do rio, deveriam reportar-se aos quadros de referencia culturais em presença: o Alentejo a sul e a Beira Baixa a Norte, que mantivessem alguma conexão entre si e, eventualmente se relacionassem numa perspectiva de povoamento da região.

A aldeia de Vilas Ruivas na Beira Baixa a cerca de quilómetro e meio do rio Tejo seria naturalmente uma das comunidades a estudar, os Montes do Duque e o Arneiro, na margem sul do Tejo, distando cerca de um quilómetro do rio, vivendo tradicional e primeiramente do rio, localidade implantada "em linha" com Vilas Ruivas seria o natural contraponto.

Procurar-se-ia então encontrar, num estudo simultâneo às duas comunidades ribeirinhas, pontos de contacto, realidades afins ou complementares por forma a evidenciar a hipótese de trabalho formulada.

### 3. A inclusão dos Montes do Duque e do Arneiro (Continuação 2)

Como vemos, estas duas comunidades mantêm um relação de proximidade com o Tejo, avistam-se reciprocamente do repectivo espaço vital mercê da proximidade geográfica, quase se podendo concluir que participam do mesmo universo de referências culturais e semiópticas, só que existe o rio separando, demarcando.

Cumpre então responder à questão de saber se esta demarcação físico-geográfica corresponde, no que às comunidades em estudo concerne, a uma demarcação cultural, ou pelo contrário a uma complementaridade de culturas, afinal o ponto de confluência entre a cultura alentejana e a beirã.

Apontou-se assim, como objectivo de trabalho, para o conhecimento dos seguintes aspectos da realidade intra e inter comunitária:

- Etnomedicina local;
- Divisão da propriedade e relações espaciais;
- Implantação e divisão da água;
- Trajo tradicional;
- Ciclo da azeitona e do azeite.



#### 4. Equipa de projecto

Para o efeito, atento o interesse e experiência de trabalho de campo efectuado na investigação e estudo de temas e questões etnográficas e, a disponibilidade pessoal para participar em campanhas de estudo regulares, constituiu-se a equipe de projecto indicadano quadro Anexo ( Anexo 1).

## 5. Campanhas de estudo

Em Agosto de 1989, iniciaram-se os trabalhos, tendo-se deslocado às comunidades envolvidas no estudo a primeira equipa com o objectivo de efectuar a primeira abordagem e flanquear os caminhos à entrada e conseqüente trabalho na comunidade dos restantes componentes da equipa de projecto.

No decurso das campanhas que se seguram em períodos ora curtos ora mais longos durante os meses de Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, efectuou-se alguma fotografia e gravação, aplicaram-se igualmente as seguintes ficha temáticas entretanto concebidas:

- Ficha de Traço, Anexo 2
- Ficha de Trabalho de Medicina Popular, Anexo 2
- Ficha de Localidade, Anexo 4
- Ficha de Casa/Habitação, Anexo 5
- Ficha de casa, Anexo 6

## 6. Aplicações metodológicas

Como é do conhecimento de quem se dedica aos estudos etno-antropológicos, a delimitação das metodologias de trabalho é matéria controversa, apesar de algumas posições dogmáticas, que não subscrevemos, entende-se que a aplicação de técnicas próprias e divulgadas pelas ciências exactas, revela-se inadequada, pelo simples facto de se procuraram conhecer e estudar, logo serem aplicáveis, a realidades distintas.

Os comportamentos culturais, logo humanos, são insusceptíveis de testes e ou comparações como se de plantas ou minerais se tratassem; de igual modo seria absurdo classificar culturas em função da maior ou menor dimensão matemática da sua expressão, nem aliás se vislumbra caminho no sentido de encontrar qualquer equação matemática que forneça esse dado, revela-se ainda aqui um posicionamento antropocêntrico, ou seja, afinal o homem tem um tratamento diverso relativamente a outros parceiros do ciclo natural.

Temos como adquirido que o homem não sendo mensurável nem quantificável no que à cultura respeita, antes, e no âmbito das ciências etno-antropológicas, se busca uma outra realidade: a sua qualidade de ser/animal cultural. E aí, encontrar a diversidade comum.

Afinal, o objecto de estudo é o fenómeno cultural, todo e qualquer fenómeno humano, os dados e informes que caracterizam determinada comunidade humana e, no entanto os informantes, os portadores e depositários desse objecto científico em estudo que se pretende apreender, são os homens. Aí não há metodologia mais exacta que resista e, tudo é falível.

Algumas ciências humanas e sociais fazem apelo a métodos quantitativos de análise, vidé por todas a Sociologia e a Demografia, designadamente através da Estatística. Porém, convém salientar, que o seu escopo não é a cultura, ainda que um ou outro aspecto se repercuta em informes de ordem cultural.

## 6. Aplicações metodológicas (Continuação 2)

O êxito e o verdadeiro método de trabalho etnológico de campo assenta essencialmente no trato e bom senso.

Importa igualmente que o investigador respeite o outro e a sua cultura, necessária, diferente, talvez oposta e incongruente aos seus olhos, sabendo sempre que a sua função não é julgar mas sim procurar conhecer, estudar, investigar.

Básicamente o investigador deve possuir a coragem da humildade, sabendo que pelo trabalho de campo se visa obter dados e informação, se pretende apreender uma realidade estranha onde à partida tudo se ignora. Apreender esses dados e aprender com as pessoas é desafio para a humildade de cada investigador.

Por último e entretanto, importa sistematizar o adquirido pelas sucessivas abordagens efectuadas e, tam lugar naturalmente a aplicação das tecnologias de fixação, registo e documentação dos informas.

A gravação sonora e visual - fotografia -, das actividades e acontecimentos comunitários revela-se de primecial importância, bem como o preenchimento das fichas temáticas.

## 7. Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características

A comunidade de Vilas Ruivas surge enquadrada no espaço geográfico de ligação, melhor entre o isolamento e a convergência, propiciando relações entre o rio, ao longo do rio e, a montanha, atendendo ao interrelacionamento com as aldeias vizinhas de ambas as margens do Tejo.

A comunidade e seus campos de cultura, uma pequena planície, apresenta-se rodeada pela cadeia montanhosa a que já aludimos e, pelo seu espaço vital passam algumas linhas de água "ribeiros" ou "ribeiras", que servem as actividades agrícolas tradicionais e abastecem a população, desaguando em seguida no rio.

A aldeia não será, nem se crê que alguma vez o tenha sido, ponto de encontro inter comunitário, no entanto, ali vêm contrair matrimónio gente de outras aldeias vizinhas da mesma margem do rio: Vilar de Boi, Perdigão, Vale do Cobrão, Fratel, etc, e da outra margem, designadamente do Arneiro.

O trabalho também se desenvolcia em ambos os lados do Tejo. Parte das casas de Vilas Ruivas foram construídas por um pedreiro famoso que residia nos Montes do Duque, o Sr. João Rosa. Por seu turno a população da comunidade de Vilas Ruivas deslocava-se em migrações sazonais para os campos do Alto Alentejo.

A actividade agrícola tradicional, tanto quanto parece, não é comum nas duas margens. Em Vilas Ruivas predomina a oliveira.

Esta árvore, a oliveira, constitui-se em Vilas Ruivas como o bem primordial, sinónimo de riqueza, de capacidade para angariar meios, etc - a família que possuísse mais "pés tortos" era a mais poderosa, eram as "casas maiores", no dizer expressivo do Sr. Manuel Farinha.



## 7.- Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características (Continuação 2)

À oliveira se dedicava grande parte do tempo, na oliveira se investia, entre os olivais se esgotavam energias e, a partir de determinado momento histórico, cremos que, o calendário agrícola passou a ter como referencial o ciclo da oliveira e do azeite, ou seja, o tratamento da oliveira, a colheita da azeitona, a fabricação do azeite, etc.

Esta fabricação do azeite gerava e desenvolvia no contexto social sistemas de inter-ajuda familiar e comunitária, nomeadamente através das sociedades que se formavam para construir e explorar os lagares e pelo apoio na apanha da azeitona.

Relações sociais e familiares que eram determinadas pelo número de oliveiras de que se dispunha. Os casamentos, as "boas famílias" eram aferidas em função do número de oliveiras: "-Aquela casa tirava muito azeite!", é expressão usada vulgarmente.

Mas nem só do fabrico do azeite se ocupava a população da aldeia de Vilas Ruivas, o cultivo da horta, dos cereais, de entre eles o milho, a pastorícia constituíam e constituem actividades económicas de relativa importância.

Porém com a intervenção de valores estranhos, alteraram-se quase por completo as relações intra-comunitárias, deste modo, como a construção e arranjo da linha dos caminhos de ferro, são muitos os jovens que abandonam os campos atraídos por uma remuneração superior, trabalhando na Companhia dos Caminhos de Ferro e, empregados noutros lugares.

Alterou-se assim a escala de regulação social de que a vivência comunitária estaria imbuida já que os grandes centros e a grande empresa não recebe nem aceita, como critérios de valor e competência, os valores da comunidade.

## 7. Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características (Continuação 3)

Parte dos homens de Vilas Ruivas trabalharam nos Caminhos de Ferro ou nos Correios, actualmente, os poucos na vida activa que ainda residem na aldeia, trabalham na Portucel, se bem que a tradicional horta seja comum.

A pastorícia é actualmente uma actividade pouco importante, existe apenas um homem que se dedica primordialmente a esse trabalho se bem que quase todas as famílias que residem em Vilas Ruivas possuam algumas cabras, não tendo como objectivo a comercialização de produtos lacteos.

De entre os produtos que do gado derivam releva a lã que, porém, era extremamente reduzida para compensar o esforço já que não existiam grandes rebanhos de ovelhas. Faz-se em Vilas Ruivas um queijo cabreiro para consumo doméstico e, o leite servia unicamente para consumo do agregado familiar.

A pastorícia era assim considerada actividade menor, trabalho para crianças. Na verdade as cabeças de gado: cabras e ovelhas, em quantidade pouco elevada como já se referiu, eram entregues a crianças, salvo a excepção de um ou outro pastor, que a essa tarefa se dedicavam até perto da adolescência: 14 - 15 anos.

Seria suposto para a comunidade, cremos, que por essa idade, os jovens estariam em condições de desenvolver outros trabalhos que requeriam esforço físico e destreza que as crianças naturalmente não possuiriam.

Para efeitos do estudo seria interessante certificar qual o espaço de pastoreio, até onde iam os rebanhos e, se saiam do pequeno planalto comunitário, as designações das cabeças de gado, etc.

Parece-nos e tudo indica que os rebanhos não iam além do espaço vital da comunidade, por absoluta desnecessidade e manifesta falta de interesse económico.

## 7. Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características (Continuação 4)

Os motivos que conduziram a comunidade a implantar-se no planalto entre os dois vales profundos e não junto ao rio, estariam em conexão com o tipo de actividade económica que primacialmente levariam a efeito: tratar-se-ia e trata-se ainda hoje de uma comunidade essencialmente agro-pastoril.

Do confronto com os trabalhos arqueológicos efectuados na região parece poder afirmar-se a tendência para considerar a existência de um modelo de povoamento determinado com relações espaciais coerentes e concretas ao longo do rio Tejo e de que a comunidade de Vilas Ruivas faria parte, assente naturalmente em referências comuns múltiplas.

Ainda que as evidências apontem para a existência de dados arqueológicos revelando um povoado no local onde hoje se ergue a aldeia de Vilas Ruivas, as pesquisas têm-se revelado infrutíferas, não tendo até ao momento sido encontrados quaisquer vestígios.

A aldeia de Vilas Ruivas é extremamente pobre não dispondo de igreja própria e de locais de referência comunitária que é usual encontrar-se em comunidades beirãs, donde se poderá eventualmente inferir que estaremos perante uma comunidade de formação recente.

Existe integrada no aglomerado populacional uma "casa do povo" onde é guardada a imagem da Nossa Senhora do Castelo, que foi retirada da sua capela por medida de precaução. Esta Nossa Senhora do Castelo é a padroeira da comunidade, fazendo-se em seu louvor a festa da aldeia no mês de Agosto.

A capela da Nossa Senhora do Castelo encontra-se no cimo do monte sobranceiro às "Portas do Rodão", onde se encontra também uma desmantelada torre de menagem de um castelo roqueiro, bem como os escombros das respectivas muralhas. Dizem que as pedras das muralhas foram retiradas para construir a capela e algumas casas de Vilas Ruivas.



## 7. • Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características (Continuação 5)

O calendário agrícola em fase deregisto estrutura-se de acordo com as práticas tradicionais e com o respectivo imaginário temporal, servindo para determinar momento a momento e, em cada época do ano as tarefas comuns à comunidade.

Porém, na actividade económica da aldeia merece, como vimos, especial destaque o ciclo da azeitona: cultivo e tratamento da oliveira e, fabrico do azeite - percurso que se encontra em fase de tratamento documental visual e gráfico. Aquí deve ter-se em consideração as alfaias utilizadas e as organizações sociais que se geraram, designadamente para a construção e no que à gestão e propriedade dos lagares diz respeito.

Os espantalhos ou "farrapos", como também são designados em Vilas Ruivas, são dos motivos mais aliciantes para estudo, pelo que alimentaram o imaginário popular. Com a sua função específica de assustar ou afugentar as aves colectoras, exercendo um papel dissuasor a protegendo as culturas, os espantalhos, assumem em Vilas Ruivas, pela sua variedade e expressividade próprias, por tão "compostos" e, pela recepção na linguagem de termos e expressões inéditas como "espantalhar", "vestir o espantalho", "espantar", etc, uma matéria importante a desenvolver.

A leitura do espaço esclarece acerca da frequência e do tipo de relacionamento com outras comunidades. As relações interespaciais, permitindo a visualização da divisão da propriedade e sua estrutura, bem como a apreensão dos topónimos e do travejamento arquitectónico, possibilitam ao investigador a formação de "topois" a partir dos quais seja possível compreender e interpretar a realidade comunitária e enquadrá-la em termos de referência mais vastos.

O aglomerado populacional, constituído por pequenas casas de rés-do-chão ou sobrado de chisto, com ou sem reboco, nalguns casos nem cal, com os palheiros ou lojas para o gado em separado, ergue-se sobre uma breve colina dominando o pequeno planalto.

## 7. Vilas Ruivas

### 7.1 Localização e características (Continuação 6)

A comunidade de Vilas Ruivas consitui assim, apesar dos equivocados teóricos iniciais um campo de trabalho e investigação etnográfica de excepcional relevo, quer pela proximidade do rio, quer pela cultura tradicional que ainda mantem e representa, quer pelo modelo em que se enquadra, quer ainda e essencialmente pelo equilibrio que resulta doseu diálogo como elemento natural.



## 8. Montes do Duque e Arneiro

### 8.1 Localização e características

Situados a jusante das "Portas do Rodão", onde outrora se passava de barca, na margem sul do rio Tejo abre-se um vale que desemboca na planície alentejana entrecortada aqui pela Serra de Niza, na parte solarenga da elevação que adiante cai em declive sobre o rio, encontramos alongada vários aglomerados que constituem os Montes do Duque, o Arneiro e a Igreja de Santana.

Os Montes do Duque e o Arneiro pertencem administrativamente à freguesia de Santana, como sede no Arneiro e ao concelho de Niza, distrito de Portalegre, distando cerca de 14 quilómetros da sede do concelho e a quilómetro e meio do rio, como já se referiu.

A população do Arneiro dedica-se entre outras actividades à pesca de rio, vendendo o produto do seu trabalho nos mercados de Castelo Branco. As pessoas referem a existência de mulheres que oriundas do Arneiro iam de canastra à cabeça vender o peixe pelas aldeias da Beira Baixa.

Ainda hoje e apesar da poluição do rio a pesca ocupa um lugar importante na economia do Arneiro, não obstante parte dos naturais da freguesia se haverem deslocado para o Porto do Tejo, arrabalde de Vila Velha do Rodão, junto ao rio Tejo, onde, porque situado junto da estrada e do rio, podem desenvolver de modo mais eficaz a sua actividade.

Povoação solarenga de casas caiadas, denotando algum contraste com as casas da região beirã mais próxima, dedica-se pois a tarefas com estreita ligação ao rio.

Pequenos espaços de comunidade de gente com poucos recursos, os pastos e terrenos são propriedade de poucos, ainda assim habitados por uma população laboriosa e empreendedora, que procura por todos os meios a sobrevivência desde a pesca, como se referiu, até à agricultura, ao pastoreio e ao artesanato.

## 8. Montes do Duque e Arneiro

### 8.1 Localização e características (Continuação 2)

A estrutura espacial do agregado populacional apresenta-se constituído em pequenos núcleos por norma formados junto a fornos de cozer que participam do espaço comunitário. É no Arneiro o Largo do Pelome, o Bairro dos Pescadores e o Beirro da Portela, além da Rua Nova e outros pequenos espaços de casarios.

Tipicamente uma povoação de encosta a cair na planície, os diferentes grupos e bairros teriam demarcado, crê-se, não apenas espaços profissionais com cargas semiópticas de ordem corporativa, como é usual em todo o Alto Alentejo, como espaços de tecido económico e social concreto.

Podemos considerar, apesar das delimitações territoriais nítidas, estarmos perante a mesma comunidade, pois que, as referenciais se interlagam no conjunto e as gentes cruzam-se sem que ao nível da participação na vida comunitária ocorra qualquer distinção.

Tal como em Vilas Ruivas desenvolveram-se sociedades de lagares e azenhas para o tratamento da azeitona e laboração do azeite. Sociedades informais que assentam basicamente na estrutura tradicional de sucessão dos respectivos "quinhões".

Na verdade, por força da particular localização dos ribeiros e riachos, além de outros leitos de água que atravessam o espaço da comunidade, edificaram-se diversos lagares e azenhas, geridas colectivamente de acordo com as participações de cada vizinho.

Algumas profissões ligadas à moagem eram exercidas a tempo inteiro, o que atesta o volume de cereal que pelas moagens dos Montes do Duque e do Arneiro passavam.

## 8. Montes do Duque e Arneiro

### 8.1 Localização e características

Ligeiramente descaracterizado o casario alonga-se pela vertente do monte e, pelos núcleos populacionais já referidos, nos Montes do Duque a Póvoa, o Largo do Duque e a Rua da Fonte, constituem os aglomerados de referência.

As actividades artesanais são inúmeras e carecem de estudo atento. Desde o sapateiro, pedreiro, barbeiro, moleiro, pescador, cosedor de redes, carpinteiros de tosco - fabricantes dos pequenos barcos que navegam no Tejo -, de tudo existe nesta comunidade dos Montes do Duque e do Arneiro.

## 9. Final - Projecto - Conclusões

O presente trabalho incide, como se salientou, sobre duas comunidades separadas entre si, em regiões emprincípio, com enquadramentos socio-culturais distintos e onde, presumivelmente se encontrará um conjunto de características semelhantes, afins ou complementares, que constituindo os "topoi" referidos, poderão ser submetidos a uma leitura de ordem etnológica, revelando talvez, a existência de um quadro de referências culturais conecto.

Os estudos de promenor que a equipa de projecto se encontra a desenvolver e a captar, permitirão o fornecimento de mais dados. De salientar no entanto que, aceitando a especificidade de cada vertente em particular e do material tópico que cada informe possa conter, interessa sobremaneira, o contexto global do trabalho de equipa e dos resultados finais.

De conclusivo, cremos neste momento poder adiantar, que existe o conhecimento do terreno que se pisa, das coordenadas do trabalho, bastante material recolhido aguardando tratamento de gabinete e, a certeza de que, se torna necessário ampliar o projecto de estudo, por forma a decorrer por um período de tempo maior.

Lisboa, 12 de Março de 1990.



EQUIPA DE PROJECTO

António Alexandre Silva  
Etnomusicólogo  
Músico

António Eduardo Maduro \*  
Sócio da ADEPA  
Professor do Ensino Secundário  
Licenciado em História

César Coito\*  
Membro do GEOTA (Grupo Cultura e Património)  
Licenciado em Direito

Cristina Carreira  
Jornalista  
Licenciada em Economia

Francisco Henriques  
Sócio do NRIA (Coordenador)  
Investigador de temas arqueológicos e etnográficos

João Paulo Duarte  
Estudante de Ciências Sociais (UCP)

José Manuel Lopes  
Estudante Antropologia (ISCTE)

Luis Cruz  
Escultor  
Licenciado em Belas Artes

Rafaela Maduro  
Professora do Ensino Secundário  
Licenciada em História

\* Coordenadores do Projecto